

---

## **Dilemas da educomunicação como ação educativa no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia<sup>1</sup>**

Christiane PITANGA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### **RESUMO**

Este trabalho busca promover reflexão sobre as contribuições da educomunicação para a formação do jornalista a partir dos dilemas percebidos no curso de Jornalismo da UFU. Os dados apresentados são parte de pesquisa desenvolvida em 2020, que teve como objetivo investigar os aprendizados resultantes do projeto educutivo realizado no 1º período do curso. Além do levantamento bibliográfico sobre educomunicação e jornalismo, realizou-se entrevista semiestruturada com estudantes que desenvolveram o projeto. O que se apurou: a prática jornalística do mercado e o excesso de projetos do curso contrastam e dificultam o fazer educutivo no âmbito do jornalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educomunicação; formação do jornalista; jornalismo dialógico; UFU

### **EDUCOMUNICAÇÃO E A FORMAÇÃO DO JORNALISTA**

A formação do jornalista tem suscitado debates e reflexões em razão das mudanças ocorridas no contexto comunicacional decorrentes, principalmente, da popularização das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs). A apropriação social das TDICs afetou as formas de produção e distribuição de informações e, conseqüentemente, a forma da sociedade se informar e comunicar. Portanto, não há dúvidas da necessidade de se discutir a prática e, conseqüentemente, o ensino do jornalismo. A grande questão é se a formação deverá ter uma ênfase tecnicista ou humanista, ou seja, se deverá formar mão de obra especializada para atender às demandas do mercado ou formar profissionais críticos, capazes de questionar e interferir

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom Nacional) realizado em setembro de 2024, em Balneário Camboriú-SC.

<sup>2</sup> Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia; doutora em Educação (UFU), mestre em Ciências da Comunicação (UMESP), graduada em Design Gráfico (UEMG); pesquisadora em Educomunicação; e-mail: pitanga@ufu.br

---

no mercado ao apresentar alternativas para romper com o determinismo tecnológico e mercadológico.

Há uma corrente de pesquisadores que defende a segunda proposta, também defendida por esta autora, pois, além de ser impossível acompanhar as mudanças do mercado, o ensino superior deverá provocar reflexões e experimentações, “de onde os futuros profissionais devem sair não apenas munidos de ferramentas e técnicas que os habilitarão a exercer sua profissão, mas dotados, sobretudo, de uma visão crítica e ética que os permitem exercer a função social do Jornalismo em sua integridade”. (Lima; Mota e Mota; Andrade, 2017, p. 41).

O curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) caracteriza-se pelo forte diálogo com a educação, pois, situa-se na Faculdade de Educação. A educomunicação é fruto de um dos projetos interdisciplinares e tem como proposta contribuir para uma formação crítica que aponte novas formas de se fazer jornalismo, “novos modelos de negócio, novas linguagens, novos formatos, atento ao ecossistema comunicativo vigente, em que a comunicação midiática deverá se caracterizar como um processo horizontal, colaborativo e democrático”. (Pitanga, p. 24, 2020).

A educomunicação é uma prática educativa situada na interface entre comunicação e educação, em que o processo de ensino e aprendizagem ocorre por meio da relação dialógica entre os saberes docentes e discentes mediado por uma produção midiática. A base teórica da educomunicação tem como pressupostos a educação crítica e dialógica de Paulo Freire (1983; 2016) e a educação comunicativa de Mario Kaplún (1998). Ambos defendem a educação como um processo comunicativo, em que o conhecimento é resultado da interação entre os saberes docentes e discentes. Para Freire, o diálogo tem como finalidade a conscientização dos estudantes para que estes possam romper com os determinismos sociais e culturais e, dessa forma, promover a transformação social. Kaplún defende a educação comunicativa, em que o aprendizado ocorre por meio da interação e a expressão dos estudantes entre si e com a comunidade educativa. Portanto, para os autores, o conhecimento é produzido “com” a participação dos estudantes e não transmitido “para” eles.

O projeto educ comunicativo, desenvolvido no 1º período do curso de Jornalismo, consiste no planejamento e produção de ações comunicativas pelos estudantes com comunidades externas à UFU, a partir da demanda de comunicação apresentadas pelas

---

comunidades. Ou seja, a produção midiática sob a perspectiva educomunicativa deverá ser dialógica, horizontalizada e colaborativa.

Ao inserir a educomunicação como ação educativa no ensino superior, como ocorre no curso de Jornalismo da UFU, espera-se promover o compartilhamento de saberes entre professores, estudantes e a comunidade para a construção de conhecimento sobre o jornalismo de forma criativa e crítica, numa relação dialógica. Além disso, espera-se que o projeto educomunicativo possa contribuir para a conscientização do papel social do jornalismo, para a cidadania participativa e para a democracia midiática ao ampliar a capacidade de expressão e comunicação dos estudantes e das comunidades.

Para apurar em que medida o projeto educomunicativo contribui e como contribui para a formação de jornalistas, realizou-se uma pesquisa no curso de Jornalismo da UFU. Além do levantamento bibliográfico sobre educomunicação e jornalismo, realizou-se entrevista semiestruturada com estudantes<sup>3</sup> representantes das equipes<sup>4</sup> que desenvolveram o projeto de 2014 a 2016. Portanto, a pesquisa é qualitativa e foi desenvolvida à luz do pensamento de Paulo Freire, que defende a produção de conhecimento de forma dialógica e problematizadora para a transformação social. O método de análise escolhido foi a dialética para verificar se, ao desenvolver o projeto educomunicativo, houve aprendizado (e qual aprendizado) e se ocorreu alguma mudança de posicionamento dos discentes em relação à prática jornalística que os levou a problematizar o jornalismo no sentido de contestar (ou romper com) os determinismos do mercado em busca de um jornalismo mais voltado para os interesses públicos.

## **DILEMAS E CONFLITOS**

Em geral, a pesquisa revelou que o projeto educomunicativo contribui para a prática do jornalismo, especialmente do jornalismo cidadão, no qual a produção de notícias ocorre a partir da perspectiva dos sujeitos.

Mas, a pesquisa também revelou tensões e dilemas do fazer educomunicativo em relação ao jornalismo, a saber: dificuldade de produzir conteúdos “com” os sujeitos envolvidos; o curto tempo para produção das notícias em contraposição à necessidade de um maior tempo para o processo educomunicativo; e a importância da

---

<sup>3</sup> Para não serem identificados, os participantes da pesquisa serão chamados por Jorna-A, Jorna-B, Jorna-C, Jorna-D, Jorna-E, Jorna-F, Jorna-G e serão referenciados pelo gênero masculino.

<sup>4</sup> O projeto educomunicativo é desenvolvido em grupo de até 6 estudantes.

---

transversalidade da educomunicação no currículo ao invés de uma ação educativa interdisciplinar. Nesse resumo, será apresentado apenas o dilema sobre o “fazer para” em contraponto com o “fazer com”.

A produção midiática dialógica, horizontalizada e colaborativa é o ponto central no desenvolvimento do projeto educ comunicativo. Ouvir a comunidade para fazer conjuntamente indica o reconhecimento do público como sujeito histórico, que tem valores, aspirações e ocupa lugar próprio no mundo. Se os jornalistas se dirigem a um público, esse público não deve ser abstrato, sob o risco da ação comunicativa tornar-se sem efeito.

No entanto, produzir “com” a comunidade não foi tão simples, como apontado por três estudantes: Jorna-A, Jorna-C e Jorna-F. Para Jorna-F, a dificuldade estava justamente na prática habitual dos estudantes em fazer os projetos “para” a comunidade. De acordo com Jorna-F, “A questão da Educomunicação, às vezes, ela é nova para as pessoas, né? Até pra gente, porque sempre é uma coisa assim: se é um projeto, então, vamos colocar isso na comunidade, levar aquela coisinha pronta, fechada”. (Jorna-F, 2017, apud Pitanga, 2020, p. 122).

Por outro lado, Jorna-C revelou que a própria comunidade não tinha compreensão da proposta educ comunicativa e, na verdade, esperava uma prestação de serviços de marketing dos estudantes de jornalismo.

A gente viu uma dificuldade no início, porque quando a gente chegou com a proposta educ comunicativa, eu acho que eles não estavam acostumados com esse tipo de proposta. Eu acho que eles estão acostumados com gente que vai lá e faz algo que eles precisam que façam “para” eles, né? E aí, tanto que a mulher [coordenadora da ONG], ela queria que a gente fizesse algumas coisas, tipo, tinha algumas tarefas na área de comunicação, marketing, essas coisas. (Jorna-C, 2019 apud Pitanga, 2020, p. 122).

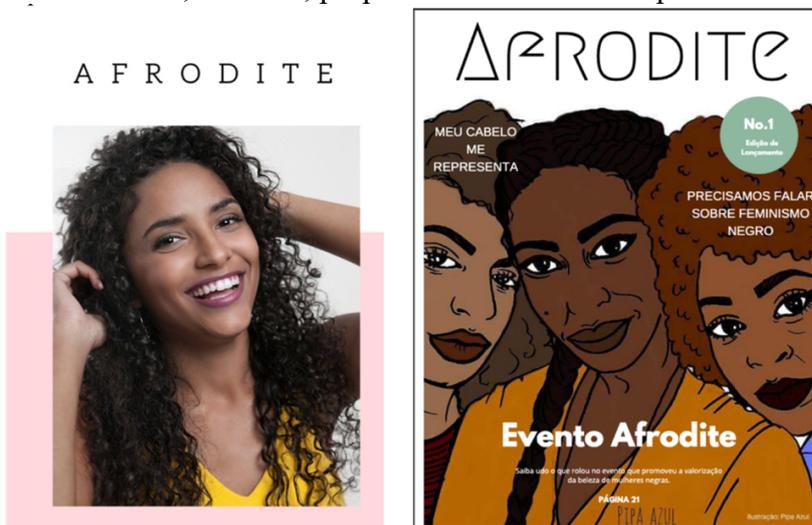
Jorna-C também reconheceu a prática habitual de fazer os projetos de acordo com a concepção dos estudantes e não em diálogo com a comunidade: “Mas, durante o processo, foi desafiador porque a gente é acostumado a fazer “para” as pessoas e não “com”. (Jorna-C, 2019 apud Pitanga, 2020, p. 122).

Já para outro grupo de estudantes, o conflito foi justamente no diálogo com a comunidade. O grupo, representado por Jorna-A, realizou o projeto com o coletivo “Crespas e Cacheados”, que resultou numa revista sobre o feminismo negro. A tensão

ocorreu por causa da produção da capa da revista Afrodite (FIGURA 1), conforme relata Jorna-A:

Uma das coisas que deu o maior problema foi a capa da revista, porque a gente achou que a modelo estaria representando as mulheres naquele momento, sobre a temática. Mas, não. [...] As meninas falaram que [a modelo] não representava elas, que a gente tinha que colocar outra coisa. Aí, a gente falou: gente, mas como assim, como assim não representa? E elas falaram: “Se é uma revista que está sendo criada ‘com’ a gente, que representa a gente, então tem que ser uma pessoa ou uma arte que representa todas nós”. Tanto que a capa, ela tem três mulheres diferentes, de tonalidades de peles diferentes. (Jorna-A, 2019 apud Pitanga, 2020, p. 123).

Figura 1 - Capas da revista Afrodite: à esquerda, proposta apresentada pelos estudantes de Jornalismo; à direita, proposta do Coletivo Crespas e Cacheadas



Fonte: arquivo pessoal

Ao final, prevaleceu a proposta da comunidade e o estudante reconheceu “que ficou até melhor do que antes, do que nossa ideia [...] que a arte era muito boa.” (Jorna-A, 2019 apud Pitanga, 2020, p. 123). Entretanto, diferente de Jorna-C e Jorna-F que, ao longo de processo, compreenderam a importância do fazer dialógico e colaborativo, Jorna-A manifestou desconforto com a proposta educacional: “foi difícil! Porque é tão mais fácil quando você faz uma coisa ‘para’ elas, porque você coloca o que você acha que as pessoas gostariam, né? Agora, [fazer] ‘com’ a comunidade, trabalhar ‘com’ elas, junto ‘com’ elas foi meio problemático, não vou mentir, não”. (Jorna-A, 2019 apud Pitanga, p. 124, 2020).

Esse episódio demonstra o condicionamento das relações entre quem produz comunicação e a quem a comunicação se destina, ou seja, uma relação verticalizada em

---

que a comunicação é feita pelo emissor “para” o receptor, sem que este possa participar ou contribuir e, muitas vezes, é representado pelo emissor de forma equivocada. Sem a observância e o diálogo com o contexto histórico-cultural do público, as mensagens podem se tornar vazias de sentido e o trabalho do jornalista sem efeito, pois, “a finalidade do jornalismo não é definida pela tecnologia, nem pelos jornalistas ou pelas técnicas que estes empregam [...] os princípios e a finalidade do jornalismo são definidos por algo mais básico - a função que as notícias desempenham na vida das pessoas”. (Kovach; Rosenstiel, 204, p. 15).

Em suma, ficou evidente que a produção midiática realizada de forma dialógica, horizontalizada e democrática prescinde de uma mudança cultural que deverá começar na formação dos jornalistas. Por isso, o ideal é que a educomunicação passe a ser transversal em todo currículo, ou seja, faça parte da cultura formativa e se torne uma prática educativa nos cursos de Jornalismo. Conforme esclarece Sacristán, “a prática é a cultura acumulada sobre as ações das quais aquela se nutre [...] A prática é a cristalização coletiva da experiência histórica das ações, é o resultado da consolidação de padrões de ação sedimentados em tradições e formas visíveis de desenvolver a atividade”. (Sacristán, 1999, p. 73).

Portanto, diante dos dilemas apresentados, percebe-se que a formação de jornalistas segue os determinismos do mercado. No entanto, conclui-se que a educomunicação pode contribuir para a formação crítica do jornalista, para uma formação que seja menos utilitarista e capaz de propor alternativa à prática do mercado. Mas, para isso, é preciso que haja uma mudança cultural no ambiente formativo e na estrutura curricular para que a educomunicação seja um eixo transversal e se torne uma prática educativa assumida pelos docentes.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Diretrizes curriculares de jornalismo**. Brasília, 2009. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento\\_final\\_cursos\\_jornalismo.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf). Acesso em: 26 fev. 2018.

BRASIL. MEC/CNE, Resolução 01, de 27 de setembro de 2013. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo**. Brasília, 2013. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento\\_final\\_cursos\\_jornalismo.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf). Acesso em: 29mar. 2018.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016a. ISBN 978-85-7753-336-7

KAPLÚN, M. **Una pedagogia de lacomunicacion**. Ediciones de La Torre: Madrid, 1998. ISBN 84-7960-185-X

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir. Porto Editora: Porto, 2004. ISBN 0-609-80691-2

LIMA, Marcus A. Assis; MOTA E MOTA, Flávia Moreira; ANDRADE, Halanna Souza. Jornalismo cívico. In: LIMA, Marcus Antônio Assis (org.). **Afinal, o que é jornalismo cívico? Conceitos, teorias, práticas e análise cívica**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017. p. 25-41. ISBN 978-85-7985-118-6

PITANGA, C. **Educomunicação e Jornalismo**: possibilidade de prática educativa para o exercício do jornalismo cidadão. Tese (doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação: Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30140>. Acesso em: 01 jul 2023

SACRISTÁN, J. Gimeno. (1999). **Poderes instáveis em educação**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999. ISBN 978-85-7307-573-1